

EDUCAÇÃO FÍSICA E TEORIAS DA CONTEMPORANEIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Emerson Luís Velozo

RESUMO

Este texto analisa alguns aspectos contidos em três idéias sobre a contemporaneidade: pós-modernidade, hipermodernidade e supermodernidade, discutidas respectivamente por Jean-François Lyotard, Gilles Lipovetsky e Marc Augé. Essas idéias versam sobre certas características da sociedade contemporânea que produzem conseqüências para o corpo e para as práticas corporais em suas diversas dimensões como saúde, estética, lazer, trabalho etc. Com a intenção de escapar da explicação dicotômica “modernidade *versus* pós-modernidade”, este trabalho busca no diálogo com estas diferentes concepções sobre o mundo contemporâneo, elementos que possam enriquecer o debate epistemológico na Educação Física.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Práticas Corporais. Epistemologia. Educação Física.

ABSTRACT

This text analyses some aspects contained in three ideas on contemporaneity: post-modernity, hyper-modernity and super-modernity, which were respectively discussed by Jean-François Lyotard, Gilles Lipovetsky and Marc Augé. These ideas are about certain characteristics of contemporary society which produce consequences for the body and for bodily practices in their several dimensions, such as health, aesthetics, leisure, work etc. Intending to escape the dichotomic explanation “modernity *versus* post-modernity”, this study seeks, through the dialogue with these different conceptions on the contemporary world, elements to enrich the epistemological debate within Physical Education.

Keywords: Contemporaneity. Bodily Practices. Epistemology. Physical Education.

RESUMEN

Este texto analiza algunos aspectos contenidos en tres ideas acerca de la contemporaneidad: posmodernidad, modernidad, hipermodernidad y supermodernidad, discutidas respectivamente por Jean-François Lyotard, Gilles Lipovetsky y Marc Augé. Esas ideas versan acerca de ciertas características de la sociedad contemporánea que producen consecuencias para el cuerpo y para las prácticas corporales en sus diversas dimensiones como salud, estética, recreación, trabajo etc. Con la intención de escapar de la explicación dicotómica “modernidad *versus* posmodernidad”, este trabajo busca, en el diálogo con estas diferentes concepciones acerca del mundo contemporáneo, elementos que puedan enriquecer el debate epistemológico en la Educación Física.

Palabras-llave: Contemporaneidad. Prácticas Corporales. Epistemología. Educación Física.

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora vou na valsa
A vida é tão rara
Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência*

(Paciência, Lenine / Dudu Falcão)

Introdução

É cada vez mais freqüente termos a impressão de que o debate geral sobre o mundo contemporâneo chegou a uma encruzilhada, na qual haveria apenas dois caminhos possíveis de se seguir: o da modernidade e o da pós-modernidade. O caminho da modernidade conduziria a humanidade por uma “estrada” evolutiva, fazendo-a se deslocar de um estado de menos progresso para um estado de mais progresso, cujo destino seria universalmente válido e aceito. A “razão” seria o veículo que possibilitaria este movimento de emancipação do ser humano, libertando-o de qualquer espécie de mitos, crenças ou dogmas. Na direção contrária, o caminho da pós-modernidade levaria o indivíduo a um ponto de bifurcação e, seja qual for a trilha que ele escolhesse seguir, seria conduzido a outras bifurcações constituindo, assim, uma multiplicidade de outras trilhas. Nesta direção não haveria placas indicando o destino e nem a sua qualidade, se boa ou ruim e, o próprio percurso poderia ser mais importante que o destino final.

Esta passagem metafórica sobre o discurso acerca da contemporaneidade, apesar de insuficiente, ilustra um sintoma corrente no debate sobre o mundo contemporâneo presente nas discussões acadêmicas de modo geral e na Educação Física de modo específico. Alguns dos discursos que refletem sobre certos aspectos que caracterizariam a contemporaneidade tendem a ser apressadamente rotulados de pós-modernos, por conterem elementos que divergem dos ideais caros ao projeto da modernidade. Além disso, o uso de termos como “pós-modernidade” e “pós-modernismo”, entre outros, de maneira generalizada contribui para o aumento dos desentendimentos e conflitos conceituais veiculados no debate acadêmico sobre a nossa época. Simplesmente qualificar determinado discurso de “moderno” ou “pós-moderno” não parece suficiente para compreender o sentido que ele realmente atribui para os tempos atuais.

A dicotomia deste tipo de pensamento leva, na maioria das vezes, a uma situação em que a única saída seria, aparentemente, a opção por um ou por outro caminho como forma de sair da “encruzilhada” e, de fato, isto é o que muitas vezes acaba ocorrendo. A opção pelo “moderno” ou pelo “pós-moderno” se transforma num imperativo: é preciso tomar posição, se engajar! Isso ocorre porque as duas correntes são compreendidas como antagônicas e incompatíveis. Mais do que isto, a troca de acusações se torna um fenômeno recorrente. Por um lado, o termo “pós-moderno” é utilizado para desqualificar o discurso daqueles que desacreditaram no projeto filosófico da modernidade. Ele assume um sentido pejorativo. Por outro lado, os discursos daqueles que ainda acreditam na modernidade são rotulados de totalitários e universalistas. A impressão que se tem é que cada um desses discursos seria homogêneo, ou seja, haveria

um consenso acerca do que definiria a contemporaneidade, seja pelo viés da modernidade ou de pós-modernidade. No entanto, não há homogeneidade nos discursos sobre o mundo contemporâneo, o que existe são leituras que destacam e evidenciam determinados aspectos que caracterizariam a época atual.

É preciso reconhecer que há usos interessantes do termo “pós-modernidade”. Há boas análises, mas há, contudo, aquelas que, ao cometerem generalizações precipitadas sobre este tipo de categoria, correm o risco de “jogar o bebê junto com a água da banheira”. O exame dos preceitos impingidos no discurso sobre a época atual é o que poderá fornecer uma caracterização mais adequada do sentido que ele atribui ao mundo contemporâneo. É o que tentarei fazer neste texto. Para isso, apresento algumas idéias contidas em “A condição pós-moderna” de Jean-François Lyotard, “Os tempos hipermodernos” de Gilles Lipovetsky e “Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade” de Marc Augé.

Esta primeira incursão nas idéias destes autores objetiva compor um referencial que possibilite novas interpretações sobre o modo como as práticas corporais se manifestam na sociedade contemporânea. As práticas corporais são referentes culturais cuja importância no mundo presente é inegável. Fenômenos como os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes, entre outros, ocupam espaços privilegiados na vida cotidiana das pessoas, sejam elas praticantes ou meros apreciadores dessas atividades. As intervenções sobre o corpo na desenfreada busca pela saúde ou pela beleza também apresentam características bastante distintas que ajudam a desenhar os contornos da nossa época¹. Este texto traz, portanto, idéias que versam sobre certas características da sociedade contemporânea, as quais produzem conseqüências para o corpo e para as práticas corporais em suas diversas dimensões como saúde, estética, lazer, trabalho etc. Por isso, espera-se a partir deste texto inicial, produzir elementos que possam enriquecer o debate epistemológico na Educação Física e que serão aprofundados com mais minúcias em trabalhos posteriores.

Jean-François Lyotard: pós-modernidade e o fim das metanarrativas

Jean-François Lyotard (2002) define a “condição pós-moderna” baseado em certas transformações sociais ocorridas a partir do final da década de 1950, as quais permitiriam chamar as sociedades de “pós-industriais” e a cultura de “pós-moderna”. A base para a sua reflexão é o processo de informatização da sociedade, que provoca transformações nos procedimentos de pesquisa e de transmissão do conhecimento. Em relação à pesquisa tem-se como exemplo a cibernética fornecendo o paradigma teórico para a genética, e em relação à transmissão dos conhecimentos, atualmente a normalização, miniaturalização e comercialização dos aparelhos, produzem conseqüências para a aquisição, a classificação, o acesso e a exploração dos saberes. Todo este movimento tem feito com que o princípio da aquisição do saber, que antes era indissociável da formação do espírito, seja substituído pela exteriorização do saber em relação ao sujeito que sabe. “O saber é e será produzido para ser vendido, ele é e será

¹ Para uma compreensão de certos problemas relativos ao corpo emergentes em nossa época ver David Le Breton (2006).

consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu ‘valor de uso’” (p.5).

Segundo Lyotard a regra do jogo científico diz que um enunciado deve satisfazer determinadas condições para que seja reconhecido como científico. Legitimação é o nome que se dá ao processo de prescrição de condições para que um enunciado possa ser reconhecido pela comunidade científica. As regras do discurso científico não são legitimadas em si mesmas, mas são fruto de acordo entre os jogadores (membros da comunidade científica). O progresso se faz a partir tanto de lances novos nos dentro dos limites impostos pelas regras já estabelecidas, como pela criação de regras novas que mudarão a natureza do jogo. O saber científico precisa recorrer ao relato (saber narrativo) para se legitimar. Sem ele o saber científico carecerá de legitimação, mas com ele, estará vinculado àquilo que combate, pois enxerga o relato como um não saber. Isso se torna um problema para a sua legitimação. A forma narrativa possui primazia na formulação do saber tradicional e o relato é justamente a forma deste saber. Os relatos definem os critérios de competência, de certo e errado, o que se deve ou não fazer. Eles encontram-se legitimados pela cultura da qual fazem parte e aceitam a pluralidade de jogos de linguagem (enunciados denotativos, deônticos, interrogativos, avaliativos). A ciência, por sua vez, é um entre vários tipos de saber, e utiliza, isoladamente, o jogo de linguagem “denotativo”. No entanto ela é um tipo de saber que não pode ocultar o problema de sua legitimidade.

No vínculo social moderno, de onde se poderia extrair o relato para legitimar o saber científico, a sociedade é representada de duas formas: no modelo de um todo funcional (modelo parsoniano); ou dividida em duas partes (modelo marxista). Na primeira, iluminada pela “teoria tradicional” o saber corre o risco de se tornar um mero instrumento de otimização das *performances* do sistema. A segunda, inspirada pela “teoria crítica”, fundamenta-se num modelo dual que, ao suspeitar das possibilidades de reconciliação, poderia escapar de ser envolvida pelo sistema. No entanto, na condição pós-moderna os vínculos sociais se modificam:

Os antigos pólos de atração formados pelos Estados-nações, os partidos, os profissionais, as instituições e as tradições históricas perdem seu atrativo. Não é entusiasmante consagrar-se a “alcançar a Alemanha”, como o presidente francês parece oferecer como finalidade de vida a seus compatriotas. Pois não se trata verdadeiramente de uma finalidade de vida. Esta é deixada à diligência de cada cidadão. Cada qual é entregue a si mesmo. E cada qual sabe que este si mesmo é muito pouco.

Esta perda de credibilidade dos grandes relatos – especulativo ou de emancipação – implica no processo de deslegitimação. O saber passa, então, a ser legitimado apenas pelo desempenho, pela lógica da otimização das *performances* do sistema. Na pesquisa legitimada pelo desempenho as técnicas funcionam como próteses dos órgãos humanos e são utilizadas para a otimização das *performances*. Isto significa o aumento do *output* e a diminuição do *input*, ou seja, a obtenção de mais informações com o menor dispêndio de energia. Neste tipo de jogo, o que está em questão não é o verdadeiro, o justo ou o belo, mas a eficiência. Para que a lógica da eficiência possa prosseguir é necessário alto investimento financeiro para a aquisição de instrumentos que possam ampliar as *performances* do corpo humano, o que produz um tipo de jogo no qual quem possui mais poder financeiro provavelmente terá mais razão, resultando na equação “riqueza, eficiência, verdade” (p.81). Com isso as instituições de pesquisa

tendem a aproximar-se dos objetivos ligados à otimização das *performances* do sistema, distanciando-se dos relatos idealista ou humanista de legitimação. Assim terão mais chances de obter créditos para o financiamento das pesquisas, reconquistando algum espaço no jogo do conhecimento e do poder. Aqueles que não se ajustam à otimização das *performances* do sistema acabam perdendo espaço neste jogo do saber. Esta é legitimação pelo poder. “Não se compram cientistas, técnicos e aparelhos para saber a verdade, mas para aumentar o poder” (p.83).

A legitimação pelo desempenho faz-se presente não apenas na pesquisa, mas extrapola para a esfera do ensino. Abandonados os ideais caros às grandes narrativas – especulativa ou de emancipação – a relação com o saber encontra-se mais próxima das competências operacionais. Aqueles que possuem este tipo de saber serão alvo de propostas sedutoras. “A transmissão dos saberes não aparece mais como destinada a formar uma elite capaz de guiar a nação em sua emancipação. Ela fornece ao sistema os jogadores capazes de assegurar convenientemente seu papel junto aos postos pragmáticos de que necessitam as instituições” (p.89).

A legitimação pelo desempenho possui afinidade com o determinismo e com a filosofia positivista da eficiência. O princípio de otimização das *performances* supõe um sistema com estabilidade firme no qual é sempre possível calcular a relação entre *input* e *output*. Inspirado pela teoria quântica, pela microfísica, e pelos trabalhos de René Thom, Lyotard questiona a noção de sistema estável, de trajetória contínua e previsível, de determinismo. Ao contrário do determinismo, onde o sistema é estável, no saber pós-moderno o sistema é instável. O saber científico pós-moderno possui pouca afinidade com a busca do desempenho. A ciência pós-moderna rompe com a previsibilidade e com o determinismo para produzir não mais o conhecido, mas o desconhecido. Assim, ela “sugere um modelo de legitimação que não é de modo algum o da melhor *performance*, mas o da diferença compreendida como paralogia” (p.108).

Para Lyotard o apelo aos grandes relatos de legitimação do saber, como dialética do Espírito ou a emancipação da humanidade, para a validação do discurso científico pós-moderno foi abandonado. É o “pequeno relato” que tem sido usado pela ciência. O “consenso universal” como critério de legitimação também é ineficaz. Pois ou ele assume a forma de relato de emancipação (Habermas) ou é apropriado pelo como modo de melhorar as suas *performances*, como objeto de procedimentos administrativos (Luhmann) e se transforma em legitimação pelo poder. A pragmática social é muito mais complexa do que a científica. Nela se misturam enunciados heterogêneos formando uma especificidade que impossibilita a formação de um consenso em torno de metaprescrições que possam regular os enunciados que compõe a vida social. Portanto, é necessário reconhecer a heterogeneidade dos jogos de linguagem e que o consenso sobre as regras do jogo deve ser local. E preciso passar do consenso universal, da homologia para a paralogia, num modelo que possa “gerar idéias”, produzir ouros enunciados e novas regras para o jogo.

O abandono das metanarrativas, detectado por Lyotard, não teria coincidido com o surgimento de inúmeras pequenas narrativas? Se as metanarrativas se constituíam como poucos e grandes referentes, o seu declínio poderia ter contribuído para a proliferação de um excesso de pequenas narrativas, ou seja, de pequenos referentes. O descrédito das metanarrativas deixou ainda o caminho livre para a legitimação pelo desempenho, pela eficiência e busca da melhoria das *performances* do sistema. Se por um lado, a alternativa proposta por Lyotard de legitimação pela paralogia pode ser criticada por ter desacreditado na esperança de uma legitimação pelos grandes relatos de emancipação, por outro lado, a sua leitura sobre o estatuto do saber nas sociedades

avançadas possui o mérito de denunciar a lógica de legitimação pelo poder, que é a da otimização das *performances* do sistema.

Gilles Lipovetsky: a hipermodernidade ou modernidade exacerbada

Gilles Lipovetsky (2004) considera que a “pós-modernidade” teria sido um período de transição entre uma modernidade “limitada” que já abandonamos e a modernidade “consumada” que se apresenta, isto é, a hipermodernidade. A hipermodernidade seria, portanto, uma segunda modernidade. A pós-modernidade, de que falava Jean-François Lyotard, caracterizada pelo abandono dos ideais progressistas e emancipatórios, juntamente com a predominância da legitimação centrada na eficiência, repercutiu na primazia do aqui-agora, caracterizando-se, portanto, pela temporalidade presentista. Ela estava pautada na ruptura com a noção de racionalidade absoluta e com as grandes ideologias da história, voltando-se para o efêmero e para o aqui-agora, configurando uma sociedade mais hedonista. O termo pós-modernidade teve o mérito de evidenciar as transformações pelas quais as sociedades avançadas estavam passando, mas não se configurava como um bom termo, pois o que estava em jogo era um novo tipo de modernidade e não a sua superação. As metanarrativas não teriam se desmoronado apenas por causa das decepções políticas e pelos insucessos da modernidade político-econômica. Novos referenciais surgiram para oferecer novas perspectivas para as existências. Novas paixões, novos sonhos, novas seduções. Creio que elas se constituíram como novas narrativas. “A primazia do presente se instalou menos pela ausência (de sentido, de valor, de projeto histórico) que pelo excesso (de bens, de imagens, de solicitações hedonistas)” (p.61).

Para Lipovetsky, o clima de despreocupação pós-moderno, que se pautava no abandono dos grandes projetos coletivos, e que estava ligado à “individualização das condições de vida, ao culto do eu e das felicidades privadas”, cedeu lugar à insegurança e necessidade constante de proteção. O hedonismo pós-moderno teria sido suplantado pelo discurso da prevenção. Houve, então, um desencanto com a própria pós-modernidade. Surge uma modernidade de segundo tipo fundamentada no mercado, na eficiência técnica e no indivíduo, elementos que já compunham a própria modernidade anterior. Esta nova modernidade não procura negar ou destruir o passado, como a primeira, mas reformulá-lo e reintegrá-lo, pois ele se tornou interessante ao mercado e ao consumo. O tempo em que vivemos é o da modernidade exacerbada, elevada à potência superlativa, na qual “tudo é hiper”.

Por toda a parte, a ênfase é na obrigação do movimento, a hipermudança sem o peso de qualquer visão utópica, ditada pelo imperativo da eficiência e pela necessidade da sobrevivência. Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela “evolução”: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais (p.57).

Se a pós-modernidade se identificava com o efêmero, o hedonismo, o aqui-agora, a hipermodernidade se vincula com o excesso, a segurança, o futuro. O eixo do presente possui elevado poder na economia temporal da época. No entanto, o hiperconsumo, o retraimento das tradições e das utopias, não produziu apenas um

“presente perpétuo”, mas novas relações do presente com o passado e com o futuro. As perspectivas para o futuro são abstraídas não mais dos pressupostos ideológico-políticos, mas da lógica técnico-científica. É a hegemonia da tecnociência e a corrosão das utopias políticas. As utopias coletivas são abandonadas, ao mesmo tempo em que o pragmatismo técnico-científico aumenta, dando força a postulados como a previsão, a prevenção, a “ética do futuro”. A tranquilidade descontraída dos anos pós-modernos é substituída pela perturbação frente a um futuro incerto. Assim, cultura do *carpe diem* se retrai em nome das normas de prevenção e de saúde.

As novas atitudes para com a saúde ilustram de maneira notável a desforra do futuro. Numa época em que a normatização médica invade cada vez mais os territórios do campo social, a saúde se torna preocupação onipresente para um número crescente de indivíduos de todas as idades. Assim, os ideais hedonistas foram suplantados pela ideologia da saúde e da longevidade. Em nome destas, os indivíduos renunciam maciçamente às satisfações imediatas, corrigindo e reorientando seus comportamentos cotidianos. A medicina não mais se contenta em tratar os doentes: ela intervém antes do aparecimento dos sintomas, informa sobre os riscos em que se incorre, estimula o monitoramento da saúde, os exames clínicos, a vigilância higienista, a modificação dos estilos de vida. Encerrou-se um capítulo: a moral do aqui-agora cedeu lugar ao culto da saúde, a ideologia da prevenção, a medicalização da existência. Prever, projetar, prevenir: o que se apossa de nossas vidas individualizadas é uma consciência que permanentemente lança pontes para o amanhã e o depois de amanhã (p.73).

Ao mesmo tempo em que se vive em busca de mais desempenho, dispensando-se os fins hedonistas, as tecnologias de bem-estar colocam à disposição práticas que postulam a sensualização e estetização dos prazeres. Elementos como exagero e prevenção estão a todo tempo em confronto, de modo que o excesso acaba sempre se deparando com “contratendências”. “Um acasalamento de contrários que só faz intensificar dois importantes princípios, ambos constitutivos da modernidade técnica e democrática: a conquista da eficiência e o ideal da felicidade terrena” (p.81). Isso faz com que os que práticas como os cuidados com o corpo e a obsessão pela higiene convivam lado a lado com a anarquia comportamental, o consumo anômico etc. “O reinado do presente é menos o da normatização da felicidade que o da diversificação dos modelos, da erosão do poder organizador das normas coletivas, da despadronização dos prazeres” (p.82)

Na hipermodernidade ocorre a multiplicação de temporalidades heterogêneas: horários de trabalho flexíveis, tempo livre, consumo, férias, saúde, educação, aposentadoria, tempo dos jovens, tempo da terceira idade etc. Como utilizar o tempo? Pensar no futuro ou no aqui agora? O que priorizar? Estes são conflitos decorrentes da relação com o tempo, que se torna cada vez mais acelerado. “Sempre mais exigências de resultados a curto prazo, fazer mais no menor tempo possível, agir sem demora: a corrida da competição faz priorizar o urgente à custa do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessória à custa do essencial” (p.77). A hipermodernidade se caracteriza pelo “reinado da urgência”. O combate ao tempo repetitivo, ao

envelhecimento e à rotina substitui o postulado moderno de tornar-se “adulto”, pelo hipermoderno de continuar “sempre jovem”.

Segundo Lipovetsky, a celebração do novo e do aqui-agora, provoca o enfraquecimento da memória coletiva, fazendo declinar a noção de continuidade e de repetição ancestral. Neste tempo é característico o excesso histórico-patrimonial e comemorativo e de resgate das identidades nacionais, regionais, étnicas e religiosas. “Os modernos queriam fazer tabula rasa do passado, mas o reabilitamos; o ideal era ver-se livre das tradições, mas elas readquirem dignidade social” (p.85). Cada vez mais diferentes objetos e signos são considerados dignos de serem preservados como patrimônios. O antigo e o nostálgico se transformaram em objetos de consumo. “Do museu do crêpe ao da sardinha, do museu do Elvis ao museu dos Beatles, a sociedade moderna é contemporânea do tudo-patrimônio-histórico e do todo-comemorativo” (p.86). A tradição não significa mais repetição e criação de um vínculo rígido com as coisas passadas, mas um elemento nostálgico apropriado pela lógica do consumo.

Para Lipovetsky, a época que se apresenta não é somente a do fim de todas as metanarrativas, mas a do surgimento de outras narrativas e, talvez, até de um excesso delas². A preocupação com o futuro substituiu a tranqüilidade do aqui-agora provocando uma crescente busca pela eficiência e a urgência do tempo. A tradição perde o caráter de monotonia e repetição para se tornar uma nostalgia a ser consumida.

Marc Augé: a supermodernidade e as figuras o excesso

Marc Augé (2004) possui uma preocupação voltada para a antropologia do mundo contemporâneo, que estaria sofrendo transformações aceleradas, gerando a necessidade de novas reflexões sobre o tema da alteridade. Seriam as mudanças que afetam o mundo atual que sugeririam o redirecionamento do olhar na pesquisa antropológica. Transformações relativas à nossa compreensão sobre o “tempo”, o “espaço” e o “ego” teriam gerado três figuras de excesso que caracterizariam o mundo contemporâneo e que poderiam definir a supermodernidade, respectivamente, a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências.

A superabundância factual, primeira figura do excesso destacada pelo autor, está relacionada com o tempo, mais especificamente com a percepção que temos dele e com o modo como o utilizamos. A aceleração da história, característica dos dias atuais, sobrecarrega o tempo de acontecimentos.

A “aceleração” da história corresponde de fato a uma multiplicação de acontecimentos na maioria das vezes não previstos pelos economistas, historiadores ou sociólogos. A superabundância factual é que constitui problema, e não tanto os horrores do século XX (inéditos por sua amplitude, mais possibilitados pela tecnologia), nem a mudança dos esquemas intelectuais ou as agitações políticas, dos quais a história nos

² Renato Ortiz (2007) oferece uma interessante discussão sobre esta problemática, e afirma que Lyotard tem razão apenas parcialmente quando fala sobre o fim das metanarrativas, pois, ao mesmo tempo em que algumas das grandes narrativas entraram em declínio, outras emergem no contexto da modernidade-mundo, como é o caso da crescente preocupação com o meio-ambiente.

oferece muitos outros exemplos. Essa superabundância, que só pode ser plenamente apreciada levando-se em conta, por um lado, a superabundância da nossa informação, e, por outro, as interdependências inéditas do que alguns chamam hoje de “sistema-mundo”, traz incontestavelmente um problema para os historiadores, principalmente os contemporâneos – denominação da qual a densidade factual das últimas décadas ameaça suprimir todo e qualquer significado. Mas esse problema é precisamente de natureza antropológica (p.31).

Esta saturação do tempo pelos acontecimentos provoca, cada vez mais, a necessidade de se dar sentido ao presente. “Essa necessidade de dar sentido ao presente, senão ao passado, é o regate da superabundância factual que corresponde a uma situação que poderíamos dizer de ‘supermodernidade’ para dar conta de sua modalidade essencial: o excesso (p.32)”. O alargamento do tempo é, portanto, o fator responsável pelo aumento de fatos e de acontecimentos em nossas vidas. O prolongamento da expectativa de vida, por exemplo, produz transformações na ordem da vida social ao passo em que possibilita a existência de quatro gerações ao invés de três.

A superabundância espacial, segunda figura do excesso, possui relação com o espaço. Nossa época é marcada pelo “encolhimento do planeta”, pela “mudança de escala”, que se manifesta tanto por adventos como a conquista espacial, como pelos avanços no campo dos meios de transporte e de comunicação. Todo esse movimento provoca o encurtamento das distâncias entre os lugares mais remotos do planeta, acelerando o processo de deslocamento tanto de pessoas e objetos, como de informações.

Pressentimos, é claro, os efeitos perversos ou as distorções possíveis de uma informação cujas imagens são assim selecionadas: elas não só podem ser, como se diz, manipuladas, como a imagem (que não passa de uma entre milhares de outras possíveis) exerce uma influência, possui um poder que excede de longe a informação objetiva da qual ela é portadora. Além disso, é preciso constatar que se misturam diariamente nas telas do planeta as imagens da informação, da publicidade e da ficção, cujo trabalho e cuja finalidade não são idênticos, pelo menos em princípio, mas que compõe, debaixo de nossos olhos, um universo relativamente homogêneo em sua diversidade (p.34).

Este processo todo constitui elementos que Augé identificará como “superabundância espacial” e que funciona como uma isca, cujo manipulador não é facilmente identificável. Tudo isso acaba provocando a substituição dos universos tradicionais da etnologia, isto é, sociedades e culturas percebidas como totalidades plenas: “universos de sentidos em cujo interior os indivíduos e os grupos que não passam de uma expressão deles se definem em relação aos mesmos critérios, aos mesmos valores e aos mesmos processos de interpretação” (p. 35). A superabundância espacial se expressa, como vimos, nas mudanças de escala, na multiplicação das referências energéticas e imaginárias, e nas acelerações dos meios de transporte.

Ela resulta, concretamente, em consideráveis modificações físicas: concentrações urbanas, transferências de população e multiplicação daquilo a que chamaremos ‘não-lugares’, por oposição à noção

sociológica de lugar, associada por Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e no espaço. Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados e refugiados do planeta (p.36).

A individualização das referências, terceira figura do excesso descrita por Augé, está relacionada com o ego. A figura do ego, do indivíduo está presente até mesmo na reflexão antropológica, a partir do momento em que antropólogos como James Clifford tentaram tratar a descrição etnográfica como um texto expressivo do seu autor. A “individualização dos procedimentos” está cada vez mais evidente, a exemplo do que ocorre com as histórias coletivas que estão cada vez mais a explicitar as histórias individuais, ao mesmo tempo em que os pontos de identificação coletiva estão se tornando cada vez mais flutuantes. Isso vem tornar necessária a produção individual de sentido. Interessante é o fato de que na supermodernidade, diz Augé, “(...) os componentes se somam sem se destruírem” (p.42).

Porém, o caráter singular da produção de sentido, transmitido por todo um aparelho publicitário – que fala o do corpo, dos sentidos, do frescor de viver – e toda uma linhagem política, cujo eixo é o tema das liberdades individuais, é interessante em si mesmo: ele tem origem no que os etnólogos estudaram nos outros, sob diversas rubricas, a saber o que poderíamos chamar as antropologias, mais do que as cosmologias, locais, isto é, os sistemas de representação nos quais são informadas as categorias da identidade e da alteridade (p.39).

A superabundância de fatos produzida pelo alargamento do tempo, a superabundância de espaço devido ao avanço dos meios de transporte e comunicação, e a individualização das referências pela necessidade de dar sentido cada vez mais para o excesso de referentes individuais e menos às coletividades, possui algo em comum com as características da hipermodernidade levantadas por Lipovetsky: a cultura do excesso.

Questões à Educação Física

A produção do conhecimento de um modo geral e também na Educação Física mais especificamente não estaria, na época atual, intimamente relacionada com a lógica da eficiência e do melhor desempenho? Isso pode ser observado na exigência de uma produção científica que é constantemente avaliada a partir de parâmetros pretensamente qualitativos, mas que acabam gerando uma hierarquia quantitativista, na qual o que mais importa não é a repercussão do que foi produzido, mas a quantidade e o índice de valor atribuído ao produto. Não basta produzir conhecimento, a produção precisa possuir uma regularidade temporal, medida em anos, triênios, quinquênios etc. Não vale produzir muito “hoje” se a produção de “amanhã” não alcançar as metas pré-estabelecidas. Esta é a relação com o tempo. Outra relação diz respeito ao excesso: a valorização da quantidade e do valor obtido por indicadores extremamente abstratos muitas vezes

acaba distorcendo a relação da produção com o seu objetivo. Desta maneira, o número substitui o conteúdo e a lógica da eficiência suplanta a postura político-ideológica.

O que tudo isso pode gerar para o processo educativo? Primeiramente surge o dilema da educação frente a uma realidade totalmente nova, em que a tarefa de socialização da cultura esbarra em obstáculos como a multiplicação de referentes culturais e seus significados e, ao mesmo tempo, a exacerbação de determinados referentes que se tornaram hegemônicos com o auxílio de instituições como os meios de comunicação de massa e o mercado. A educação como transmissão da tradição estabelecida, semelhante àquela que ocorria nas sociedades tradicionais, não é mais um empreendimento plausível numa sociedade complexa como a nossa. Ela não daria conta de elementos como a diversidade cultural e como as contradições geradas a partir das disputas ideológicas. Isso lança novos desafios para a educação que pretende construir um projeto para o futuro.

Não seria o nosso tempo o da proliferação das referências acerca das práticas corporais? Apesar de certas modalidades esportivas terem se tornado hegemônicas em nossa sociedade, como parece ser o caso do futebol, cada vez mais surgem novas práticas corporais que recrutam novos adeptos. Aquelas práticas que faziam sentido apenas para algum grupo específico de pessoas, agora são colocadas à disposição de todos numa espécie de hipermercado das práticas corporais. Os esportes de aventura, por exemplo, são ofertados não apenas àqueles grupos que possuíam algum grau familiaridade com tais práticas, mas também e cada vez mais, à indivíduos que começam a nutrir alguma curiosidade sobre estes esportes devido à ampla divulgação feita pelos seus gestores e pela decorrente transformação destes esportes em elemento de consumo. A filosofia do momento é: preciso conhecer um pouco de cada coisa e viver tudo intensamente, por isso, é preciso correr, nadar, fazer aulas em academias, escalar, fazer rapel, rafting, tirolesa, arborismo, enfim, tudo o que pudermos. A figura do “monoesportista” é substituída pela do “poliesportista”, aquele que pratica um pouco de cada atividade, mas sem se prender rigidamente a nenhuma delas.

A relação com o tempo também não estaria produzindo conseqüências para a esfera do lazer? O excesso de tempo permite que o lazer possa ser vivenciado a partir de uma superabundância de elementos. O tempo destinado ao lazer pode, então, ser fragmentado em temporalidades heterogêneas e se ajustar à diversidade de opções colocadas à disposição de cada indivíduo, atendendo às necessidades cada vez mais personalizadas. Outra questão importante está relacionada à lógica produtivista do mundo do trabalho, que corre o risco de ser transportada para a esfera do lazer.

E quais implicações a “filosofia da eficiência”, do “produtivismo” e do “excesso” trariam para a noção de saúde? A preocupação com a saúde e a busca de uma maior longevidade coloca a atividade física numa posição privilegiada no discurso de preocupação com o futuro. A medicalização da noção de saúde e a obsessão pela idéia de prevenção implicam em conseqüências práticas para a Educação Física. Em alguns setores de atuação profissional, o professor de Educação Física tem se tornado o gestor de atividades que contribuem para a saúde e para o prolongamento da vida. Como a busca de práticas preventivistas aumenta cada vez mais, o mercado da atividade física segue em franca expansão. Neste contexto, o professor, uma vez inserido neste tipo de mercado, buscará aumentar a variabilidade de atividades que se possa oferecer aos clientes. A ênfase na individualidade requer uma relação cada vez mais personalizada entre professor e aluno, o que torna crescente a diversidade de tipos de atividades físicas, prescritas e orientadas de acordo com cada individualidade. As academias de ginástica se transformaram em verdadeiros hipermercados da atividade física, de modo

que as mais atraentes são aquelas que conseguem poupar o cliente da monotonia e da repetição de um mesmo tipo de atividade por longos períodos.

A modernidade que se apresenta, com o seu exacerbado movimento modernizador, ao contrário do que poderia se pensar, não se coloca como uma época de homogeneização da cultura e da sociedade. Processos como a globalização da economia e da técnica, sem dúvida existem, mas não possuem força de gerar uma padronização de referência universal. É claro que a criação de padrões de referência existe, mas estes são cada vez mais plurais, atendendo ao processo de personalização crescente na sociedade contemporânea. Diferenciação, diversificação, customização, individualização são preceitos importantes para a criação de um mercado de consumidores. Com isso a relação estética com o corpo tende a ser cada vez mais personalizada. Por isso pode-se falar em estilos de corpo, de acordo com os grupos com os quais os indivíduos se sentirão identificados. A domesticação da diversidade parece estar provocando a substituição da noção singular de “padrão estético” pela plural de “padrões estéticos”.

Estas primeiras questões, por certo limitadas, apontam para a necessidade de reflexão mais detalhada sobre os adventos da contemporaneidade trazidos pelos autores aqui mencionados e de esforço para interpretar as implicações que tais elementos produzem para as práticas corporais e, conseqüentemente, para o campo da Educação Física.

Referências

- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- LE BRETON, D. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LYOTARD, J-F. *A condição pós-moderna*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- ORTIZ, R. Anotações sobre o universal e a diversidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (UNICAMP)

Endereço: Rua Beija Flor, 322 Irati – PR CEP: 84.500-000
e-mail: emersonvelozo@yahoo.com.br

Recurso para apresentação: Data-show